

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 1175

Data: 14.10.75

Pg.: _____

Só o respeito ao delegado da Funai evita o conflito

Por causa dessas denúncias contra os fazendeiros, Jamiro Arantes diz ter sofrido muitos afentados. E sua família, que mora em Goiânia, recebe constantemente cartas anônimas ameaçando matá-lo, caso ele não deixe os xavantes e vá embora. Jamiro diz, no entanto, que "se não fosse tão respeitado pelos índios e não estivesse constantemente lhes pedindo calma, eles já teriam destruído o povoado". No meio desta semana, quando embarcou no avião da Funai para visitar a família em Goiânia, ele deu ordens ao capitão Abrão Rumeri para deixar passar alimentos para Novo Paraíso. E pediu que nenhum índio fosse ao vilarejo sem se apresentar, logo ao chegar, ao comissário de polícia.

Nos últimos dias, os índios têm aparecido com frequência nos arredores do povoado, armados e pintados para a guerra, segundo vários colonos. Ainda assim, os posseiros continuam derrubando matas para fazer novas lavouras. "Se a gente não plantar, não come" — diz Antonio Cândido dos Santos, de 62 anos, que com dois filhos plantou dois alqueires de roças e agora teme ser proibido pelos índios de fazer a colheita. Mas essa é também a opinião dos índios, que retornavam à região numa época imprópria para preparar suas roças: "Estamos comendo frutas — diz o capitão Abrão. —

E temos que fazer nossas roças, para ter alimentos para outros xavantes que vão chegar".

Para Idelfonso Vilela de Moraes, que chegou à região há 16 anos, abriu grandes posses e hoje é considerado uma espécie de líder em Novo Paraíso. "a vila não pode acabar, esse povo não tem para onde ir, tudo que tem está aqui, suas lavouras suas famílias".

A "vila", ou o povoado de Nova Paraíso, é apenas um amontoado de barracos dispostos em ruas tortuosas e esburacadas, por onde raramente passa um veículo. As famílias que ali vivem, todas paupérrimas, vieram dos mais diferentes lugares, em busca de um pedaço de terra para trabalhar, depois de escorraçados pelos fazendeiros das regiões próximas. Novo Paraíso nunca foi visitado por um médico ou qualquer funcionário da Secretaria de Saúde de Mato Grosso. Não existe sequer uma pequena farmácia. O povoado também não tem cartório de registro civil. Por isso, nenhum criança que nasceu lá tem registro de nascimento. Também não existe nenhuma formalidade nos casos de morte: comunica-se o fato ao comissário de polícia e se procede ao enterro. O atestado de óbito fica para o dia em que um parente do morto for à cidade.

Mas os xavantes jamais po-

derão entender que muitos dos habitantes daquela terra dividem com o índio parte de um mesmo problema. Por isso estão decididos a fazer os brancos mudarem-se "para uma terra muito distante", como diz o capitão Abrão. Ainda mais depois que os colonos derrubaram as matas próximas à gruta onde está o cemitério de seus antepassados, invadiram o local sagrado e retiraram de lá os ossos e armas dos antigos guerreiros xavantes. Isso foi encarado pelos índios como uma afronta.

Agora, as ameaças se sucedem, fazendo com que os posseiros já não trabalhem nem durmam em paz. Em grupos de dez, eles se revezam para guardar o povoado à noite, sempre à espera de um ataque, que até hoje não ocorreu.

"Se não sair logo daqui — afirma o capitão Abrão — nós vamos atacar a cidade. Nosso ataque é à meia-noite e xavante pode matar todos sem fazer barulho".

Os habitantes de Novo Paraíso parecem acreditar nisso. A dúvida, resume-se no que seria pior: enfrentar o ataque ou partir à procura de outras terras, que provavelmente também terão dono e de onde, ainda uma vez, serão expulsos, até com maior violência. Violência que, de resto, em Novo Paraíso até agora é apenas uma ameaça.